

## A Copa do Mundo é nossa: futebol e comportamento supersticioso

### *Football and superstitious behavior: regarding the World Cup*

Paulo Rogério Meira Menandro<sup>1</sup>

**RESUMO:** O futebol é um dos esportes mais difundidos no mundo. No Brasil, é importante símbolo do aspecto lúdico da cultura popular nacional. É aspecto típico do futebol a imprevisibilidade do resultado, comparativamente a outros esportes coletivos. Com tais características, pode-se dizer que trata-se de contexto favorável ao surgimento de comportamentos supersticiosos. Buscou-se verificar se, mesmo em contexto tão profissionalizado quanto o do campeonato mundial realizado no país, superstições são manifestadas, e com quais características. A fonte de informação considerada foi o noticiário sobre o campeonato. Manifestações supersticiosas foram assunto frequente das matérias jornalísticas e foram classificadas em três modalidades principais: 1) menções à coincidência entre algum fato ocorrido em campeonato anterior e fato atual, como indicação de sorte ou azar; 2) uso de estratégia ou amuleto por torcedores para trazer sorte à seleção do país ou azar aos adversários; 3) práticas de jogadores ou times para dar sorte ou evitar azar. A convivência de profissionalismo e preparação técnica com superstições foi objeto de discussão.

**Palavras-chave:** superstição, futebol, copa do mundo, imprevisibilidade, noticiário.

**ABSTRACT:** Football (or soccer, in the United States) is one of the most popular sports in the world. In Brazil, it is an important symbol of the playful aspect of national popular culture. It is a typical aspect of football the unpredictability of the outcome, comparative to other collective sports. With such characteristics, it can be reasoned as a favourable context to bring forth superstitious behaviour. It was attempted to verify if, even in a context as professional as the World Cup being held in the country, superstitions would manifest, and with which characteristics. The source of information considered was the news about the competition. Superstitious manifestations were a frequent subject of the journalistic pieces and were classified into three main modes: 1) mentions to the coincidence between a fact occurred in a former championship and a current fact, as a sign of good or bad luck; 2) the use of strategy or charm by the team supporters to bring luck to their national teams or bad luck to the adversaries; 3) practices of players or teams to bring good luck or avoid misfortune. The coexistence of professionalism and technical preparation with superstitions was object of discussion.

**Keywords:** superstition, football, world cup, unpredictability, news.

Em várias modalidades esportivas está em jogo o desempenho de atletas de alto rendimento que se apresentam em competições nas quais há certa segurança de que não ocorrerão resultados surpreendentes, ou seja, há pouco espaço para a imprevisibilidade. Em tais modalidades, quando indivíduos competem entre si há exigência de alcance de índices de classificação ou posição privilegiada em *rankings* (atletismo, natação, tênis, entre outros), o que reduz os imprevistos. Em muitos esportes coletivos (como voleibol, basquete, handebol) as partidas envolvem modos de contagem de pontos que alcançam dezenas ou centenas de unidades, o que favorece, pela natureza do jogo, o desenvolvimento de estratégias com ações planejadas que se alternam durante o desenrolar do confronto, o que contribui para que os resultados finais sejam mais previsíveis.

---

<sup>1</sup> Doutor em Psicologia; Professor Titular do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Espírito Santo – Vitória, Espírito Santo, Brasil. E-mail: paulomenandro@uol.com.br.

Outras modalidades esportivas não se ajustam bem a esses dois modelos mencionados. Um exemplo é o futebol de campo, no qual o gol (que constitui a pontuação) é artigo escasso, sendo incomum a ocorrência de mais de uma dezena de gols na mesma partida. São muito mais comuns partidas que se encerram com empate sem que tenha sido marcado qualquer gol, possibilidade que é remota na maior parte dos demais esportes coletivos.

Considerando tais circunstâncias é possível dizer que cada partida de futebol é menos previsível do que aquelas de outras modalidades esportivas, não sendo incomum que uma equipe de pouco prestígio vença outra mais bem preparada. É possível dizer também que uma única jogada de atleta habilidoso (assim como uma única falha de atleta desastrado) pode definir um resultado, com o que a habilidade individual diferenciada costuma ser mais valorizada do que o treinamento sistemático e a preocupação com a atuação em equipe. Isso implica papel limitado para os técnicos, que muitas vezes funcionam apenas como agregadores do grupo e espectadores privilegiados do jogo, sem espaço pleno para atuarem, até mesmo em decorrência dos grandes interesses comerciais consolidados em torno de alguns atletas. É possível dizer, ainda, que um equívoco de arbitragem pode influenciar de forma decisiva o resultado, o que não se verifica em outras modalidades de esportes de grupo. Tais fatores contribuem para o aumento da imprevisibilidade do resultado e para a dramaticidade do jogo.

Não obstante tais circunstâncias, que em princípio parecem desfavoráveis ao prestígio de tal modalidade esportiva, o futebol é um dos esportes mais difundidos e prestigiados internacionalmente, o que equivale a dizer que é um produto com alto nível de consumo. Há, portanto, grande interesse comercial, de publicidade, e de empresas de comunicação nos destinos do futebol. No caso brasileiro existem várias publicações destinadas quase exclusivamente ao futebol, e mesmo jornais de cobertura geral, em alguns dias da semana, destinam mais páginas ao futebol do que à política, à economia, ou aos fatos artístico-culturais. Assim sendo, o teor do que é publicado pelos jornalistas esportivos (mesmo aqueles éticos que não integram empresas de promoção e negociação de jogadores) pode afetar equipes, atletas, treinadores, árbitros e torcedores. Marques (2012) assinala que, no Brasil, “a invenção do profissional da crônica de futebol é simultânea à do próprio futebol profissional, donde temos uma múltipla simbiose: o jornal a criar a demanda para a produção do evento, e este a fornecer elementos para a atuação do homem da imprensa esportiva” (p. 17).

É importante lembrar que no Brasil o futebol tornou-se símbolo do aspecto lúdico da cultura popular nacional, ao lado de outros ícones como o samba e o carnaval. É notório que cada uma dessas três manifestações se apresentam em configuração na qual se invadem mutuamente em diversos momentos, como assinalam Marques (2012) e Branco (2006). A forma como a história do futebol está articulada com diversos aspectos da vida cultural, econômica e política do país evidencia vínculo com temas como urbanização, industrialização, classes sociais, educação, política eleitoral, racismo, imigração, e machismo, como mostram estudos sobre o assunto (por exemplo, Santos, 2006; Silva, 2006; Marques, 2012). Em verdade, é possível encontrar articulações similares, em alguns aspectos, na história do futebol em muitos outros países, inclusive na atual campeã mundial, a Alemanha, como comprova Silva (2006).

Para a compreensão da intensa presença cultural do futebol é essencial considerar também a argumentação de Huizinga (1996), em seu amplo estudo sobre o jogo, a respeito

das facetas de criação de ordem, de perfeição temporária, de ritualização, de culto, de sacralização, que caracterizam a história de desenvolvimento dos jogos em qualquer cultura. Ao propor que na dinâmica das culturas “o sagrado é cultivado dentro de um jogo”, e que “os cultos são estabelecidos como num jogo”, o autor afirma que “todo ritual apresenta um aspecto de espetáculo, ou seja, é também um jogo que tem algo em comum com espetáculo” (p. 18), que pode ser uma competição. Marques (2012) acrescenta, em relação a esse aspecto do futebol ter se tornado objeto de culto, ou fator de transcendência, que “numa atividade esportiva em que tanta coisa depende da sorte ou do acaso, entende-se melhor porque os times procuram apoio nas esferas sobrenaturais irracionais pela imensa carga de paixão das torcidas de futebol” (p. 59). E acrescenta o autor: “É como se essas forças manifestamente míticas trouxessem um estímulo benéfico à equipe e, ao mesmo tempo, ocasionassem um desfavor demoníaco ao adversário” (p. 59).

Considerados os aspectos mencionados nos parágrafos anteriores evidencia-se um contexto favorável ao surgimento de comportamentos supersticiosos. Quanto ao aspecto da imprevisibilidade, Askevis-Leherpeux (1990) assinala que a resposta cultural às situações não controláveis com os conhecimentos já disponíveis pode se caracterizar por crenças e práticas supersticiosas ou mágicas. Sobre o aspecto do sagrado, Jahoda (1970) indica o fato de que, “de um modo geral, a primeira categoria de superstição, associada a uma visão de mundo tradicional mais ampla, está situada um tanto incomodamente na terra-de-ninguém que separa religião de superstição” (p. 21). Até mesmo um aspecto bastante peculiar pode ser lembrado, como faz Marques (2012), ao destacar que “jogado com os pés, o futebol torna-se menos previsível, fazendo prevalecer as ideias de sorte e destino e envolvendo essa atividade lúdica numa atmosfera de suspense e superstição” (p. 50).

O uso do termo superstição é corriqueiro, como se vê nos exemplos acima, mas sua definição não é muito simples. Trabalhos que examinaram definições de superstição destacam que o termo deve abranger crença (e prática correspondente) que pode receber qualificações como “infundada” ou “irracional” (Jahoda, 1970; Askevis-Leherpeux, 1990). É evidente que está aí implicado um aspecto temporal, pois algo que se afigura sem fundamento em dado momento, pode ter fundamentação constatada mais tarde, e vice-versa. Está também implicada a contraposição à ciência, ou a certa vertente científica, mas também à determinada facção religiosa, o que aumenta a complexidade da definição, como se vê, por exemplo, em Askevis-Leherpeux (1990), quando são mencionadas crenças que, em determinada época, discrepam de “doutrinas e práticas atestadas pelas frações dominantes da comunidade científica e/ou da comunidade religiosa culturalmente mais importante” (p. 26).

Não é simples, portanto, definir superstição. Como ponto de partida assinala-se a importância de considerar a noção de que uma crença ou prática rotulada como supersticiosa pode estar “intimamente atada aos modos fundamentais de pensar, sentir e, em geral, de reagir ao nosso meio”, como adverte Jahoda (1970, p. 167). O mesmo autor argumenta que muitos tratam a superstição com forte sabor pejorativo, mas

poucas pessoas se preocupam em admitir que elas próprias são supersticiosas. Aqueles que na sociedade de nosso tempo conservam crenças em discordância com o que é geralmente aceito, preocupam-se em envolvê-las com roupagem verbal sonora e incontestável, denominando-as ‘doutrina secular’, ‘sabedoria do Oriente’ ou ‘ciência oculta’ (p. 12).

Deve ficar claro que não se trata de defender a imutabilidade de qualquer crença, ou a resignação a elas, mas sim de alertar para o fato de que não é empreendimento banal

propiciar sua transformação em outras formas de conhecimento, não obstante valer a pena assinalar que a ampliação do acesso a toda forma de conhecimento (por alguns apontada como caminho para a superação das superstições) é providência desejável para qualquer comunidade por inúmeras razões.

Askevis-Leherpeux (1990) menciona duas categorias de componentes da superstição. Uma engloba as crenças de existência de coisas não perceptíveis pelos sentidos humanos habituais, que podem ser objetos, seres, divindades, espíritos ou fenômenos. Um desses fenômenos que se acredita existirem, e que vale ressaltar como exemplo, pelo fato de aparecer em muitas culturas, é o da crença na pré-cognição, ou seja, a procura de videntes ou técnicas de previsão do futuro (Vasconcelos & Troccoli, 2004). A outra categoria abrange as crenças de causalidade entre acontecimentos, muitas com foco direto na imprevisibilidade, objetivando produzir sorte ou evitar azar, e incluem diversas das chamadas superstições tradicionais, como portar amuleto, ter número de sorte, repetir rituais inalterados, bater na madeira, evitar números associados com azar, não passar sob escada. Vasconcelos e Troccoli (2004) mencionam outras formas mais detalhadas de categorização das superstições (que chamam de crenças paranormais).

A Copa do Mundo de futebol é um dos campeonatos esportivos de maior repercussão mundial, envolve preparação prolongada das equipes, torneios classificatórios competitivos que se estendem por mais de um ano, e inclui alguns dos atletas e técnicos mais bem remunerados do planeta. Em contexto tão profissionalizado quanto esse, mesmo tratando-se de futebol com toda a imprevisibilidade envolvida, é razoável esperar que ações supersticiosas de atletas, treinadores, torcedores e jornalistas não sejam frequentes, prevalecendo formas mais bem informadas do ponto de vista técnico e mais críticas. Outra possibilidade é a de que relatos de comportamentos supersticiosos sejam muitos e diversificados, mesmo no contexto da mais importante e mais seletiva competição do futebol. Em tal caso, o simples relato das superstições pode ser contribuição relevante.

A menção feita a jornalistas no Parágrafo anterior se justifica porque o desafio proposto por *Psicologia e Saber Social* ensejou proposta de examinar qual das suposições apresentadas acima resultou mais aproximada da realidade, tomando como fonte de informação o noticiário sobre a Copa do Mundo. Em função do curto tempo disponível a partir da proposta da revista e da própria natureza da proposta, foi colocada em prática uma forma de observação não sistemática de um jornal. Trata-se do diário de maior circulação no estado do Espírito Santo, que foi consultado durante vinte dias (entre 07/06 e 26/06/2014) com o objetivo de verificar a presença de referências a qualquer modalidade de superstição de integrantes das equipes, de torcedores das seleções participantes do torneio, e de jornalistas produtores dos textos.

No Espírito Santo, acontecimento diretamente relacionado com a Copa do Mundo houve apenas a presença das equipes de dois países (Austrália e Camarões) que se hospedaram na cidade de Vitória ao longo de suas participações no torneio. Ainda assim não há carência de informações sobre a Copa, pois como o jornal inclui material obtido por meio das agências de notícias, seu conteúdo torna-se similar ao de qualquer outro veículo informativo de grande circulação. O jornal publicou durante o período, no mínimo oito páginas diárias alusivas ao evento. A maior parte de tal material, é evidente, refere-se ao que ocorreu nos treinos e nos jogos, mas sempre houve algum espaço para abordar assuntos paralelos ao desempenho futebolístico propriamente dito.

O resultado geral constatado: superstição foi assunto frequente e envolveu um amplo espectro de manifestações. Em vinte dias foram publicadas 18 matérias com menção à superstição, nas quais figuram, predominantemente, torcedores e jogadores brasileiros, como seria de se esperar.

Antes de fazer referências a tais reportagens vale destacar que o tema já aparece em reportagens anteriores ao dia inicial do acompanhamento das reportagens (sete de junho de 2014) obtidas por buscas nos arquivos digitais. Fazem referência ao ex-jogador e ex-técnico Zagalo com sua obsessiva convicção de que o número 13 traz sorte e que Brasil Campeão tem treze letras (invertendo superstição tradicional que associa tal número com azar). Apareceram também as indefectíveis previsões sobre o vencedor feitas por humanos, polvos e tartarugas videntes. Reportagem publicada doze dias antes do início da Copa enfocou profecia do cantor Mick Jagger de que o campeão seria Portugal, vencendo a partida final com a Inglaterra, fato logo seguido por contusão do principal jogador de Portugal, que passou a correr risco de não participar do evento, o que foi visto como reforço à percepção de que o cantor atrai azar, é “pé frio” no âmbito do futebol. Dez dias antes do início da competição foi publicada reportagem envolvendo a presidente do Brasil, intitulada “Batida na madeira contra o azar – Antes de tocar na taça da Copa do Mundo, presidente Dilma apela à superstição pelo hexa”, relatando que após receber a taça da competição do dirigente da Federação Internacional de Futebol, e tocar nela, a presidente bateu três vezes na madeira, como se estivesse “isolando o azar”. Apareceram ainda reportagens sobre superstições curiosas verificadas em outras Copas.

O teor das dezoito reportagens coletadas permitiu sua classificação em quatro grupos. O primeiro deles envolve menções à coincidência entre algum fato ocorrido em Copa anterior e fato atual, como indicação de sorte ou azar (sete reportagens). Exemplo de coincidência temida como prenúncio de azar: juiz escalado para o jogo de estreia do Brasil é o mesmo que atuou no jogo em que a seleção foi eliminada na Copa de 2010. Exemplo de coincidência festejada como auspiciosa: grandes seleções como Alemanha e Itália perderam uma Copa e ganharam outra em casa, e como o Brasil só disputou uma Copa no país e não ganhou, chegou a hora de ganhar.

No segundo grupo figuram reportagens sobre uso de estratégia ou amuleto por torcedores para trazer sorte à seleção do país ou azar aos adversários (quatro reportagens e oito torcedores). Exemplo de estratégia para atrair sorte: “O verdadeiro amuleto da sorte é a mão direita. Não toco na caneca com a mão esquerda para o time não perder” [dito por torcedor que assistia jogo bebendo cerveja]. Exemplo de estratégia que objetiva levar azar a algum adversário: no álbum de figurinhas do mundial, jogadores argentinos são colados de cabeça para baixo, costume herdado do pai, que é seguido à risca por torcedora há três Copas.

O terceiro grupo enfeixa reportagens sobre práticas de jogadores ou times para dar sorte ou evitar azar (cinco reportagens), tais como entrar em campo com o pé direito, mudar o visual, adoção de música tema, e convicção de que tendo apoio da torcida é muito difícil perder. Houve também um precavido pedido da equipe argentina para que a faixa de saudação do local em que ficaram hospedados em Belo Horizonte fosse reduzida à expressão “Bem-vindos”, suprimindo o complemento “futuros campeões”, que poderia trazer má sorte.

Os dois casos restantes que compõem o quarto grupo referem-se a jornalistas. Um deles é um texto no qual aparece mais de uma vez a expressão “no caso do Brasil sair da

Copa”, sempre seguida de um “toc, toc, toc” entre parênteses. O outro envolve uma decisão editorial curiosa, possível manifestação supersticiosa do profissional responsável por ela: uma reportagem sobre família de Brasília com quatorze membros portadores de polidactilia (seis dedos nas mãos e nos pés), que incentivam a seleção dizendo que já são hexa desde que nasceram e que agora é a vez da seleção alcançá-los.

É certo que esse pequeno levantamento de informações é arriscado, pelo risco de distorção por diversos fatores. A imprensa tem que preencher os espaços dedicados ao evento por razões comerciais, o que pode levá-la a ressaltar como significativos fatos que são apenas curiosidades divertidas que envolvem de forma preferencial torcedores disponíveis em locais de concentração de bares, que não representam o universo de torcedores. Existe também o risco de realce daquelas manifestações supersticiosas mais lúdicas, obscurecendo casos mais rudes ou até patológicos.

De qualquer modo, manifestações provenientes de integrantes da esfera técnica do futebol (jogadores, treinadores, dirigentes, jornalistas) também se fizeram presentes. Algumas, como o apego a coincidências entre fatos de diferentes Copas, são preocupantes pela mediocridade. Entendê-las não é fácil, porque não é fácil penetrar em um universo no qual inexistente transparência. Tudo que envolve a seleção brasileira de futebol e a entidade por ela responsável, com seus inacreditáveis dirigentes avessos ao quadro democrático que o país vive há décadas, transcorre sob proteção de uma espécie diferente de segredo de família, ficando caracterizada permanente opacidade que pouco deixa entrever das relações da Confederação Brasileira de Futebol com a Fifa, com as federações estaduais, com os clubes, com as emissoras de TV, com o jornalismo esportivo, e com diversos grupos políticos.

No atual momento a Copa do Mundo não é nossa, mas com os brasileiros que comandam o futebol não há quem possa. Quanto às superstições, por alguma razão soa atual a advertência quase cinquentenária de Gustav Jahoda: “Muitas pessoas continuam a acariciar a ilusão de que a superstição está gradualmente se extinguindo” (1970, p. 167).

## Referências

- Askevis-Leherpeux, F. (1990). *A superstição*. São Paulo: Ática.
- Branco, C. (2006). Os papéis sociais do futebol brasileiro revelados pela música popular (1915-1990). In F.C.T. Silva, & R.P. Santos. (Orgs.). *Memória social dos esportes* (pp. 187-227). Rio de Janeiro: Mauad / Faperj.
- Huizinga, J. (1996). *Homo ludens*. São Paulo: Perspectiva.
- Jahoda, G. (1970). *A psicologia da superstição*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Marques, J. C. (2012). *O futebol em Nelson Rodrigues*. São Paulo: Educ.
- Santos, R. P. (2006). Uma breve história social do esporte no Rio de Janeiro. In F.C.T. Silva, & R.P. Santos. (Orgs.). *Memória social dos esportes* (pp. 33-53). Rio de Janeiro: Mauad / Faperj.
- Silva, F.C.T. (2006). Futebol: uma paixão coletiva. In F.C.T. Silva, & R.P. Santos. (Orgs.). *Memória social dos esportes* (pp. 15-32). Rio de Janeiro: Mauad / Faperj.
- Vasconcelos, T. S., & Troccoli, B. T. (2004). Crenças no paranormal e estilos de pensamento racional versus experiencial. *Psico-USF*, 9(2), 155-164.

Apresentação: 20/06/2014  
Aprovação: 16/07/2014